SESSÃO COORDENADA C

UMA VISÃO CALEIDOSCÓPICA DAS VOZES NA APRENDIZAGEM DE LINGUAS

A UNIVOCIDADE DOS HISPÂNICOS SOBRE A LÍNGUA DO FALANTE ESTRANGEIRO

Matilde Contreras (UCPel)

Resumo

Bakhtin (2004) nomeia a estrutura da língua como *sinal* e o seu uso como *signo* e opina que dominar o primeiro não quer dizer que se compreende a língua. Por isso, o locutor precisa conhecer ambos para compreender e ser compreendido, salienta o mesmo Bakhtin. O que acontecerá, então, se o que é considerado pelo estrangeiro, de uma determinada língua, *sinal*, para o nativo, dessa mesma língua, é *signo*? É isso o que é observado quando nativos de língua espanhola, de distinta idade e instrução, avaliam produções em língua espanhola de professores estagiários de espanhol como língua estrangeira. Se observarmos o que Bagno (2004) propõe para o português brasileiro, em que o falante utiliza a estratégia de objeto nulo na produção com pronomes oblíquos de terceira pessoa, porque se o colocar tem medo de parecer exibido e se usar o pronome pessoal substituindo-o, seja classificado de não dominar a norma ou de falta de instrução, podemos compreender porque decide omitir o pronome átono, deixando o seu lugar vazio. Essa estratégia é descrita por Bakhtin (1952-1953) como "gêneros do discurso". Descrevendo a avaliação, feita por nativos uruguaios, de produções de brasileiros, tentar-se-á explicar que o uso de átonos é *signo*. Não é *sinal* e nem marcador de gênero de discurso e, sim, marca de univocidade de falantes hispânicos.

Palavras-chave: signo, pronomes átonos, univocidade

Resumen

Bakhtin (2004) nombra la estructura de la lengua como *señal* y su uso como *signo* y opina que dominar el primero no quiere decir que se comprende la lengua. Por ello, el locutor necesita conocer ambos para comprender y ser comprendido, resalta el mismo Bakhtin. ¿Qué sucederá entonces, si lo que es considerado por el extranjero, de una determinada lengua, *señal*, para el nativo, de esa misma lengua, es *signo*? Es eso lo que es observado cuando nativos de lengua española, de distinta edad e instrucción, evalúan producciones en lengua española de profesores pasantes de español como lengua extranjera. Si observamos lo que Bagno (2004) propone para el portugués brasilero, que el hablante utiliza la estrategia de "objeto nulo" en la producción con pronombres átonos de tercera persona, porque si lo coloca tiene miedo de parecer altanero y si usa el pronombre personal, sustituyéndolo, sea clasificado de no dominar la regla o de no tener suficiente instrucción, podemos comprender porque decide omitir el pronombre átono, dejando su lugar vacío. Esa estrategia es descripta por Bakhtin (1952-1953) como "géneros del discurso". Describiendo la evaluación, hecha por nativos uruguayos, de producciones de brasileros, se tratará explicar que el uso de átonos e *signo*, no *señal* ni marcador de género del discurso y, sí, marca de univocidad de hablantes hispánicos.

Palabras-clave: signo, pronombres átonos, univocidad

Um panorama de distintas teorias, abordagens e métodos

Teorias e abordagens são incessantemente propostos em busca da compreensão e aperfeiçoamento da aprendizagem e da aquisição lingüística. Essas correntes são tão fortes que se tornam paradigmas dominadores de época. Mas, ao encontrar-se áreas que o paradigma não consegue abranger, em busca da compreensão do porquê, nascem novos olhares, os quais, às vezes, norteiam o nascimento de um novo paradigma. Isso já foi considerado por Kunh (1995) quando salienta que uma invenção pode ter nascido como uma descoberta que não teve força para mudar paradigmas da época.

Se falarmos em teorias, Paiva (2005) nos informa que no ensino já atuaram e atuam várias, a behaviorista, com base na imitação e repetição, a hipótese do *input* de Krashen (1985), o qual defende a necessidade de observar o acréscimo de só um nível ao *input* compreensível (i + 1), a importância da interação foi salientada por Hatch (1978), Swain opina que produzir *output* compreensível propiciará que a interlíngua seja observada pelo prisma sintático do *input* e Schumann coloca na aculturação o foco da aquisição, acredita que a abertura cultural do aprendiz o beneficiará.

No tocante às abordagens e aos métodos, Leffa (1988) oferece a visão, diacrônica e sincrônica, dos principais métodos de ensino de línguas, salientando que método estava-se usando para tudo, então, dividiu-se em abordagem, abriga pressupostos teóricos, por isso, é considerada mais abrangente, e método, menos abrangente, não trata da teoria e sim da aplicação da teoria. A primeira, **abordagem da gramática e da tradução (AGT)**, usa a metodologia de ensinar a L2 pela L1 e tem três passos: 1) memorizar vocabulário; 2) estrutura; 3) exercício de tradução e versão, também utiliza a dedução, indo da regra ao exemplo, tem como enfoque a escrita, sem importar a pronúncia e entonação, o recurso básico é o livro, há menor exigência oral do professor e maior no conhecimento estrutural, o objetivo final é o conhecimento da cultura e da literatura da L2, o qual desenvolveria a inteligência do aluno e o profundo conhecimento da sua LM. A seguinte é a **abordagem direta (tradicionalmente "Método Direto")**, tendo como evidencia do seu uso o início do século XVI, surge para contrariar o AGT, com importantes defensores (Palmer, Jespersen, Sauzé, etc.). Foi usada na primeira escola Berlitz (Estados Unidos 1878) e teve oficialização e obrigação nas escolas públicas na Bélgica (1895), França e Alemanha (1902), dados que mostram a sua importância nessa

época. Já no Brasil, ingressa em 1932, no Colégio Pedro II, (depois de existir uma reforma radical), só é utilizada a L2, sem nunca usar a tradução, com o objetivo de "pensar na língua", se extingue o ditado, deixando fluir a oralidade com base em situações, entrando a escrita após, produzindo pequenos textos. A união das quatro habilidades é usada por primeira vez e primeiro se enfatiza o uso real da língua, logo, a sistematização. Encontrou dificuldade de crescer, talvez pela exigência de fluência oral durante muitas horas e boa pronúncia. A AD como ideal e a AGT na prática é o que se vivencia historicamente. Após evidencia-se a **Abordagem para a leitura (tradicionalmente "Método de Leitura")**, tem como base que um aluno necessita a gramática e a tradução da L2, falar não é necessário. Já a **Abordagem audiolingual (AAL)** nasce pela necessidade que o exército americano teve de usar as quatro habilidades durante a 2ª Guerra. As premissas são as seguintes: 1) é fala, não escrita; 2) é um conjunto de hábitos; 3) ensino da língua e não sobre a língua; 4) é o que os falantes nativos dizem, não o que alguém acha que eles deveriam dizer e 5) as línguas são diferentes. Por último aparecerá a **Abordagem Comunicativa**, em um panorama em que os Estados Unidos apostava no estruturalismo de Bloomfield ou na gramática gerativo-transformacional de Chomsky e Europa continuava com estudos semânticos e sociolingüísticos, dando ênfase ao estudo do discurso. A idéia de língua unida ao contexto é a base. O objetivo não é a forma da língua e sim o que se faz com ela. As noções mais citadas são de Wilkins (1976); categorias semântico-gramaticais e funções comunicativas. As funções mais relevantes são de Van Ek (1976), com base em expressão e descobrimento de: 1) informações factuais, 2) atitudes intelectuais, 3) atitudes emocionais, 4) atitudes morais, 5) suasão e 6) socialização. Essas noções e funções foram utilizadas na elaboração de materiais didáticos na abordagem espiral. O ambiente de educação conta com material autêntico, utiliza-se as 4 habilidades integradas, a língua materna (LM) é permitida, o trabalho geralmente é grupal e o professor se torna um orientador que é sensível e afetivo. Teve e tem grande uso e aceitação, mas, a dificuldade de definir as categorias semânticas deixa lacunas para ser a abordagem ideal.

Átonos brasileiros e hispânicos, desde a perspectiva estruturalista e a AGT

Tomando como base à estrutura da análise proposta por Lado (1971:100-101/104), conhecida com o nome de análise contrastiva (AC) e constituída por uma explicação de

como funciona o padrão na LM, neste caso o Português, outra de como funciona na LE, o Espanhol, e a conclusão que se chegou depois de comparar os dois sistemas lingüísticos, será feita uma explanação das regras gramaticais em Português e em Espanhol, no referente aos pronomes átonos, para explicar como a gramática normativa descreve a forma que se deve usar estes pronomes. Serão explicadas as regras em seus idiomas para manter alguns traços na língua e, assim, não correr o risco de modificar itens ao tentar traduzir.

Os pronomes oblíquos átonos nas gramáticas brasileiras

São listados como pronomes átonos ou clíticos: me, te, se, nos, vos, lo(s), la(s) e lhe(s).

A forma "lhe(s)" é própria de objeto indireto e as demais são formas próprias de objeto direto, resquícios do acusativo latino. Mesmo assim, "me, te, se, nos e vos" podem ocorrer também nas funções de objeto indireto.

Roberto **me** viu e **me** deu as costas.
obj. dir. obj. ind.

Juca **se** trancou no quarto.
obj. dir.

Conversavam o dia inteiro... e contavam-**se** lindas histórias. (Monteiro Lobato)
obj. ind.

O clítico "se" é usado também para indicar a indeterminação do sujeito.

Vive-se bem em Pelotas.

E para expressar a passiva pronominal.

Vendem-se casas!

O uso dos pronomes átonos é obrigatório com verbos reflexivos como: queixar-se, atrever-se, arrepender-se etc., nos quais, segundo os gramáticos, os clíticos são parte integrante do verbo (Cunha, 1971, p.210).

É importante observar que na função de objeto indireto pode haver uso de pronomes átonos variando livremente com o uso de pronomes tônicos, precedidos por preposições.

Ele me (te, nos...) deu um livro.

Ele deu um livro para mim (nós, você, ele...).

No entanto, há restrições para uso dos clíticos como objeto indireto com verbos transitivos indiretos regidos por preposições.
Eu gosto de ti e não – Eu te gosto.

Na comparação com o espanhol é importante ver a posição das gramáticas do PB sobre as combinações e contrações dos pronomes átonos quando o texto contém verbo que requer objetos direto e indireto pronominais.

A primeira situação ocorre quando me, te, nos, vos e lhe(s) – como formas de objeto indireto – são seguidos por o(s), a(s) – objeto direto, apresentando o seguinte quadro de contrações:

me +	o	=	mo	nos +	o	=	no-lo
	a		ma		a		no-la
	os		mos		os		no-los
	as		mas		as		no-las
te +	o	=	to	vos +	o	=	vo-lo
	a		ta		a		vo-la
	os		tos		os		vo-los
	as		tas		as		vo-las
lhe +	o	=	lho	lhes +	o	=	lho
	a		lha		a		lha
	os		lhos		os		lhos
	as		lhas		as		lhas

A segunda situação a ser considerada é a da associação do pronome “se” com os pronomes “me, te, nos, vos e lhe(s)” em que na escrita a seqüência é ligada por hífen ao verbo quando posposta.
Foi-se-me pouco a pouco amortecendo...
E consertam para autonomia (sem hífen) quando antepostos.
Já se me anunciava...
Deve-se observar que estas combinações são bastante raras em textos modernos.

A terceira situação a ser considerada, particularmente para a comparação com o Espanhol é o encontro de pronomes de 1ª e 2ª pessoas como objetos direto e indireto. No português não podem ocorrer, neste caso, dois pronomes átonos. O objeto indireto será expresso obrigatoriamente pela forma tônica preposicionada.
Encaminharam-te a mim para uma cirurgia. E nunca: Encaminharam-te-me...

Ao contrário do espanhol, especialmente no PB, não se usam as contrações do quadro acima. Mesmo na linguagem literária soa arcaico e artificial. Assim, no PB

Ele mo entregou		Ele o entregou a mim
Ele no-lo entregou	é expresso como	Ele o entregou a nós
Ele lho entregou		Ele o entregou a ele (você)

Colocação dos pronomes átonos

Além das três possibilidades de colocação (ênclise, próclise e mesóclise) as gramáticas levam em conta os contextos de verbo simples (um só verbo) e locução verbal.

1. As gramáticas normativas se ocupam principalmente da modalidade escrita, estabelecendo normas que aparentemente se aplicam tanto no PB quanto ao PE:

A maioria das gramáticas consultadas estabelece a ênclise (colocação após o verbo) como regra geral: "sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo a sua posição normal é a ÊNCLISE, como neste passo de Machado de Assis: "**Cosi-me** muito à parede, e **vi-o** passar com as suas calças brancas engomadas..." (Cunha, 1971, p.221).

Mantendo esta regra geral os gramáticos fixam, então, os contextos em que a próclise é recomendada, em função de "vocábulos atratores" ou tempos verbais.

2. Contextos favorecedores da variante pré-verbal, em orações com um só verbo:

a) Palavras de sentido negativo com: não, nunca, jamais, nada, ninguém etc. quando entre ela e o verbo não houver pausa.
Ninguém me via. Não o acusei.

No entanto, se a palavra negativa preceder um infinitivo não flexionado é possível a ênclise.
Calei para não magoá-la.
Ele ficou em silêncio para não me magoar.

Como veremos adiante, com a preposição a + infinitivo e pronome de 3ª pessoa (o/a) há preferência pela ênclise, mesmo diante de palavra negativa. Com os outros pronomes (me, te, se, lhe, nos, vos) tanto a próclise quanto a ênclise podem ocorrer neste contexto. Cegalla (1977) também considera a ênclise mais recomendada nestes casos, principalmente com os pronomes o(lo) e a(la). Já com o infinitivo flexionado, regido de preposição "é de rigor a próclise". Repreendi-os **por se queixarem** sem razão (Cegalla, 1977, p.347).

b) Em orações subordinadas desenvolvidas tanto adjetivas (depois de pronome relativo) quanto substantivas ou adverbiais (depois de conjunções subordinativas que, se, quando, para que etc.).
A revista que me venderam estava rasgada.
Lula pediu que lhe dessem mais tempo.
Fiz um requerimento para que me alistassem na Marinha.
Quando me viu afastou-se.

c) Em orações exclamativas, expressões de votos, desejos.
Quanto dinheiro se gasta inutilmente!
Deus te acompanhe!
A terra lhe seja leve!
Nas expressões de votos está subjacente um verbo volitivo... eu desejo que...
Se considerarmos este aspecto, estas expressões já estariam incluídas no item b.

d) Em orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos.
Quem o contratou?
Como me encontraste?

e) Construções com certos advérbios: onde, já, aqui, bem, sempre, mais...
Bem se vê que não o conheces!

Aqui se aprende espanhol como se fala em Madrid.

f) Com pronomes indefinidos e o numeral, ambos no SN sujeito, anteposto ao verbo.
Todos os livros me foram confiados.
Ambos se afastaram do cargo.

g) Com o gerúndio regido pela preposição “em ” ou advérbios, sem pausa.
Em se tratando de receber dinheiro, estarei presente.
Não se comprovando este prognóstico, a inflação subirá em agosto.

3. Contextos favorecedores da variante pós-verbal (ênclise), em orações com um só verbo.

A ênclise na língua escrita é colocada como preferencial. Desta forma os gramáticos não se preocupam em listagem tão exaustiva. Os mais citados são:

a) em períodos iniciados por verbo, isto é, os gramáticos mantêm a prescrição de não começar frase com pronome oblíquo.
Dá-me um cigarro.
Vejo-te amanhã no escritório.

b) Nas orações reduzidas de gerúndio não regido pela preposição “em” ou outras “palavras atrativas”.
A multidão avançava, tornando-se cada vez mais furiosa.

c) Junto ao infinitivo não flexionado precedido das preposições “a” e “para”, especialmente com os pronomes “a, o, os e as”.
Começou a maltratá-la.
Corri para defendê-lo.

4. Contextos de ocorrência da mesóclise.

A mesóclise só ocorre nas formas verbais do futuro do presente e futuro do pretérito. Nestes contextos os clíticos podem ocorrer em próclise ou mesóclise.

Eu me calarei ou calar-me-ei.

As ocorrências em posição pré-verbal são condicionadas pelos contextos favorecedores desta posição, já expostos no parágrafo 2.2.
Não me calaria se... (palavras + negativos)
Não calar-me-ei (não aceitável).

Formas com ênclise como:
Calarei-me.
Meu primo denunciará-te ao delegado.
Não são consideradas gramaticais e também não são atestados no registro oral, até porque estas formas do futuro estão sendo substituídas por ir + inf.
Não vou me calar.
Não ia me calar.

A colocação dos pronomes átonos em tempos compostos (locuções verbais)

Cunha (1971, p.223-225) repete, praticamente os contextos em que se aplicam a próclise e a ênclise em orações com um só verbo, levando em conta o verbo auxiliar do tempo composto. Assinala, entretanto, a ênclise no verbo principal quando este está no infinitivo.
O porteiro veio interromper-me.
A morte não deveria assustá-lo.

Outra observação importante é que um pronome átono nunca vem enclítico a um particípio, vindo proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar pelas regras gerais dadas para formas verbais simples.
Tenho-o encontrado (início de frase).
Não o tenho encontrado (palavra negativa).
Espero que o tenhas encontrado (conjunção que).

Um dos problemas nas gramáticas brasileiras é que não fazem uma distinção clara entre tempos compostos formados com os auxiliares ser, estar, ter e haver e locuções verbais com verbos como dever, querer, poder, mandar, vir, ir etc.

As formas compostas com os auxiliares ter e haver levam o verbo principal ao particípio passado e neste caso os pronomes átonos giram em torno do auxiliar de acordo com as regras já estudadas:

a) próclise: Nunca o tínhamos visitado.

b) ênclise: Haviam-no declarado inocente.

c) mesóclise: Ter-lhe-ia desobedecido, se...

Nos demais casos parece haver possibilidade de maior liberdade de colocação, podendo o clítico ocorrer antes do auxiliar (ou do 1º verbo da locução verbal), entre o auxiliar e o verbo principal (ou V_1 clítico V_2) ou após o verbo principal. A colocação do clítico entre o auxiliar e o verbo principal "é próprio da língua portuguesa do Brasil", segundo Cegalla (1977).

Também Cunha (1971, p.225) comenta esta construção preferencial dos brasileiros. "Com relação à condenada próclise do pronome átono ao verbo principal de locuções verbais, convém meditar nestas agudas observações do professor Martinez de Aguiar:

'Numa frase, como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro.' Isto é: deixou a língua falada do Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe conseqüências imprevistas:

1ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente.
Aqueles haviam se-corrompido.

2ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado).
Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir.
Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constituvos.

3ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação

das sílabas pretônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*" (Notas de Português de Filínio e Odorico, Rio de Janeiro, 1955, p.409).

Pronombres átonos hispánicos proclíticos y enclíticos

"Los pronombres átonos son los siguientes: para la primera persona singular *me*, plural, *nos*; para la segunda persona singular *te*, plural, *os*; para la tercera persona singular *lo*, *la*, *le*, *se*, plural, *los*, *las*, *les*, *se*." (Aragó 1996: 328)

Para Llorach (1995:198) el pronombre átono tienen como función ser Objeto Directo (OD) u Objeto Indirecto (OI) o ambos a la vez y puede unirse al verbo formando una unidad en proclisis (separados) o enclisis (juntos). También opina que "El uso actual prefiere la proclisis con las formas verbales personales", o sea, los verbos que se pueden conjugar en las tres personas, singulares y plurales, "menos el imperativo, con éste y los derivados verbales utiliza la enclisis".

Para resumir se puede decir que los pronombres átonos pueden ser enclíticos formando una sola palabra con el verbo y sucede cuando el verbo está en el *infinitivo*, en el *gerundio* y en el *imperativo*.
Ej.: Tengo que *irme*.
Estamos *hablándote*.
Cómprelo ahora.

Y pueden ser proclítico en todas las demás conjugaciones.
Ej.: *Me voy* de viaje.
Te habló todo en portugués.
Lo compraré en efectivo.

El mismo autor nos resalta que "En la lengua escrita, y en zonas dialectales, perdura el empleo de la enclisis cuando la forma verbal viene tras la pausa.
Ej. Vanse las leyendas.
Diríase que lo hacía tan sólo por llevarme la contraria.
Encontraronme como loco y hasta el día siguiente no volví en mí.

Y con entonación exclamativa o interrogativa.
Ej. ¿Habríase visto?

Si en una oración hay varios pronombres, Aragó (1990:328) nos informa que: “el pronombre de segunda persona va siempre delante del de primera, y cualquiera de estos dos delante del de tercera; el pronombre *se* precede a todos, tanto en posición proclítica como enclítica:

Ej.: *Te me* quieren arrebatar o quieren arrebatár*teme*.
Me lo quitaron o quitáron*melo*.
Se me nota o nóta*seme”*.

Llorach (op. cit., p. 199) observa que al igual que la colocación del pronombre personal es innecesaria cuando la raíz del verbo conjugado indica de quien se trata, ej. ¿Bebes agua? y no ¿Tú bebes agua? , así también lo es la unidad léxica, siendo representada por el pronombre átono que cumple la función de informar que el verbo posee un OD u OI de primera, segunda o tercera persona, del cual el interlocutor tiene pleno conocimiento ya sea por anáfora o por catáfora.

Ej. Sólo le hablé cuando José salió.
El coche que me pediste no te lo puede comprar.

Pero si ello no sucede, se debe realizar la duplicación del objeto, es decir, representarlo por los pronombre átonos y los sustantivos necesarios.

Ej. **Le** dije **a María** que sí.
OI OI
No **la** peinarán **a Ana**.
OD OD
Se lo pediré **a Jorge**.
OI OD OI
A nosotros no **nos** llamaron.
OD OD
A ti nunca **te lo** dirán.
OI OI OD

Análise e conclusão depois de observar ambas as normas

Esta conclusão enfocará as semelhanças e diferenças encontradas na AC, entre a Língua Espanhola e a Língua Portuguesa.

No uso de Pronomes Átonos em ambas línguas, observam-se semelhanças em:

a) Cada pessoa é determinada por um pronome.

Português: me, te, se, nos, vos, lo(s), la(s) e lhe(s)

Espanhol: me, te, se, nos, os, lo(s), la(s), le(s)

b) Suas funções podem ser OD ou OI.

c) Acompanham os verbos reflexivos.

No entanto há diferenças muito importantes:

d) Quando um verbo apresenta OI junto ao OD no Português contraem-se, no Espanhol não.

"Ele mo (me + o) entregou" é expresso como "Ele o entregou a mim"

"Él me lo entregó"

e) Os pronomes átonos em forma enclítica, mesmo contraídos, separam-se por um hífen do verbo no Português. No Espanhol sempre irão junto ao verbo, formando uma só palavra.

"Começou a maltratá-la."

"Comenzó a maltratarla."

f) As combinações e contrações de OI e OD do Português são raras nos textos modernos e na fala coloquial. No Espanhol a colocação do OI e OD sempre será realizada na escrita e na fala, formais e coloquiais, conforme as regras ditadas pela RAE.

g) No Português, nunca se colocarão juntos os pronomes átonos de primeira e segunda pessoa, como OD e OI. No Espanhol, esta união poderá ocorrer sempre que necessária.

"Encaminharam-te a mim para uma cirurgia." E nunca: "Encaminharam-te-me..."

"Te me encaminaron..."

h) A posição normal do pronome átono como OD ou OI no Português sempre é a Ênclise. No Espanhol só haverá Ênclise nos verbos conjugados em Imperativo, Gerúndio e Infinitivo.

i) Haverá vocábulos atratores dos pronomes átonos no Português e no Espanhol não.

“Contaram-te tudo” e “Não te contaram tudo”

“Te contaron todo” e “No te contaron todo”

j) Em Português não se pode começar com pronome átono, em Espanhol não existe tal restrição.

k) No espanhol não existe a mesóclise, quando o verbo está no futuro, simples ou composto, seja no modo Indicativo ou Subjuntivo, a colocação do átono será proclítica.

“Dar-te-ei meu coração”

“Te daré mi corazón”

l) Nos tempos compostos do Português a colocação dos Pronomes átonos segue a regra geral, tomando como base o verbo auxiliar “ter” ou “haver”. Salienta-se que segundo Cegalla (1977) a colocação do clítico **entre** o auxiliar e o verbo principal é de uso do PB.

   No Espanhol só existe a regra da colocação dos clíticos como próclise do verbo “haber”, respeitando a união indissolúvel do auxiliar e particípio nos tempos composto. Com isso não há nenhuma semelhança com o Português neste tópico.

“Tinha-te comprado um vestido vermelho” e “Não te tinha comprado...”

“Te había comprado un vestido rojo” e “No te había comprado...”

m) Nas locuções verbais, o PB prefere colocar o clítico em posição proclítica no verbo principal. No Espanhol a colocação do pronome átono respeita a Ênclise do infinitivo.

“Escuta, vou te falar agora”

“Escucha, voy a hablarte ahora”

n) O uso do pronome “ele” como OI é estigmatizado no PB, por isso Duarte (1986) denomina a ausência do clítico como objeto nulo. No Espanhol não acontece esse apagamento, talvez porque o pronome átono de terceira pessoa seja formado por consoante e vogal ou porque a colocação dos clíticos, em geral, possua uma regra constante (colocação enclítica nos verbos em Infinitivo, Gerúndio e Imperativo e proclítica nas outras conjugações) e o insumo, oral e escrito, desde que o hispânico nasce, tem essa colocação.

A observação feita por outro ângulo

A análise poderia ficar no item anterior para tentar explicar a avaliação, feita por hispânicos de diferentes idades, em produções de estagiários de graduação em língua espanhola como língua estrangeira (ELE). Ou seja, a não aceitação de algumas produções, envolvendo pronomes átonos em ELE, poderia ser explicada observando a norma estabelecida pelos gramáticos hispânicos, mas, lembrando o que foi colocado no início deste trabalho, paradigmas vão aparecendo conforme o tempo vai passando, e considerando que mesmo tendo, a abordagem comunicativa, dificuldades em definir as categorias semânticas, deixando lacunas para ser considerada a abordagem ideal, é ainda a reinante no ensino de línguas estrangeiras, porque seu objetivo é o uso da língua antes da preocupação com a estrutura.

Sendo a meta deste estudo observar o entendimento do nativo no momento de escutar ou ler a produção do estagiário brasileiro, tendo presente que ele tem, como função futura, produzir a língua espanhola como *input* nas suas aulas, *input* este que servirá como base para a produção do seu futuro aluno, é necessário observar a produção lingüística desde o mirante do uso da língua e não desde a norma, mesmo que já nesse ponto ficaria classificada a avaliação do nativo.

Por tal motivo, é interessante observar o informado por Faraco (2003), Bakhtin nomeia a estrutura da língua como *sinal* e o seu uso de *signo*, opinando que dominar o primeiro não quer dizer que se compreende a língua, tendo como resultado a necessidade de conhecer ambos para compreender e ser compreendido. O que acontecerá, então, se o considerado pelo estrangeiro, de uma determinada língua, *sinal*, para o nativo, dessa mesma língua é *signo*? É isso o que é observado quando nativos de língua espanhola, de distintas idades e diferente instrução, avaliam produções de professores estagiário de ELE.

Paralelamente é salientado que Bagno (2004) explica que no português brasileiro utiliza-se a estratégia de objeto nulo na produção com pronomes oblíquos de terceira pessoa, porque se o colocar tem medo de parecer exibido e se usar o pronome pessoal substituindo-o, seja classificado de não dominar a norma ou de falta de instrução. Depois dessa reflexão decide omitir o pronome átono, deixando o seu lugar vazio. Essa estratégia é descrita por Bakhtin (2003) como “gênero do discurso”.

Passar-se-á a descrever a apreciação negativa, descrita em porcentagens, de nativos hispânicos em produções escritas em ELE dos professores estagiários brasileiros, mas informa-se que mesmo havendo outras interferências é objetivo desta análise deter-se nos átonos:

1) Bueno, **yo** voy a invitar **a ustedes** a escuchar la lectura **desta** hoja.
*Bueno, **voy** a **invitarlos** a escuchar la lectura **de esta** hoja.*
2) ¿En qué parte del cuerpo **llevamos pantalones**? **Yo llevo** en las piernas.
*¿En qué parte del cuerpo llevamos **los** pantalones? Yo **los** llevo en las piernas.*
3) Hagan una **frase** con la **gravura** que **voy mostrar a ustedes**.
*Hagan una **oración** con el **dibujo/figura** que voy **a mostrarles**.*
4) Entonces **primer yo voy leer** el texto y después **vamos leer** juntos.
*Entonces **primero** voy **a** leer el texto y después vamos **a leerlo** juntos.*

Frases	1	2	3	4
4º série do Ensino Básico	62,86%	2,86%	91,43%	77,14%
6º série do Ensino Básico	80%	0%	100%	80%
1º ano do Ensino Médio	83,33%	44,44%	100%	88,89%
3º ano do Ensino Médio	88,89%	29,63%	100%	100%
Pessoas c/ Ensino Básico e Médio	90,91%	45,45%	81,82%	72,73%
Professores	90%	70%	100%	100%

Na primeira frase observa-se que o pronome “ustedes” deveria estar representado pelos pronomes átonos correspondentes “les” ou “los” no verbo “invitar”, com posição enclítica. Parece, pelos resultados, que os nativos não aceitaram essa frase como a que eles produziriam porque a opção de não aceitabilidade apareceu no teste com porcentagens altas.

Na segunda frase falta, na resposta, o pronome átono “lo” substituindo o substantivo “pantalones”. Houve porcentagens díspares, mas deve-se salientar que adolescentes e adultos, com instrução média, tiveram opiniões semelhantes e que, nos professores o nível de rejeição subiu a 70%.

Na terceira frase o pronome “ustedes” deveria ser substituído pelo pronome átono em posição enclítica no verbo “mostrar”. A maioria dos grupos entrevistados percebeu essa falta em cem por cento.

Na quarta frase falta o pronome átono “lo”, como objeto direto, substituindo o substantivo “texto” en posição enclítica no verbo “leer”. A maioria dos entrevistados salientou essa lacuna, sem importar o grau de instrução.

Apreciação de nativos hispânicos em produções orais em ELE dos estagiários brasileiros:

Salienta-se que as seguintes frases foram expressas oralmente aos mesmos falantes nativos que serviram como avaliadores das produções escritas anteriores.

5) Por favor las personas que no tienen fichas **se queden** acá.
   *Por favor las personas que no tienen fichas **quédense** acá.*
6) **Yo** deseo que ustedes empiecen la lectura después que **yo haga**.
   *Deseo que ustedes empiecen la lectura después que yo **lo** haga.*

Frases	5	6
Respostas	Avaliada como incorreta	Avaliada como incorreta
4º série do Ensino Básico	74,30%	80%
6º série do Ensino Básico	80%	90%
1º ano do Ensino Médio	76,47%	88,24%
3º ano do Ensino Médio	85,18%	96,30%
Pessoas c/ Ensino Básico e Médio	54,55%	63,64%
Professores	80%	80%

Na quinta frase o pronome átono deve estar em posição enclítica porque o verbo está no Modo Imperativo e não proclítica como aparece na construção do estagiário brasileiro de ELE. A maioria dos entrevistados não aceitou a produção como correta.

Na sexta frase falta o pronome átono que substitui o fato de começar a leitura, em posição proclítica no verbo “hacer”. Os falantes nativos entrevistados consideraram que a construção não estava igual a aquela que qualquer nativo produziria.

Observando os dados obtidos, pode-se concluir o que segue

1) Os nativos não aceitaram as produções.

2) Tanto no teste de compreensão escrita, como no de compreensão oral, os nativos não tiveram dúvida no momento de assinalar as produções como longínquas às que os nativos produziriam. Isto pode ser afirmado porque no teste foram colocadas produções, contendo o mesmo dado lingüístico observado, mas de forma usual pelo nativo, as quais foram avaliadas por todos os entrevistados, sem distinção de idade e instrução, como a mesma que ele produziria.

3) As respostas foram similares, mesmo variando as idades (de oito anos a mais ou menos setenta) e a instrução (os cursos escolhidos foram o quarto e o sexto ano do Ensino Fundamental, primeiro e terceiro ano do Ensino Médio, adultos com Ensino Fundamental e Médio e professores que ministravam aulas no Ensino Fundamental e Médio).

4) Os conceitos dos colégios, nos quais os alunos entrevistados assistiam às aulas, eram distintos: o de Ensino Básico era A, em disciplina e em aprendizagem, e o de Ensino Médio tinha como avaliação C, nas mesmas categorias. Mesmo assim, pode-se dizer que as respostas não variaram, no tocante à responsabilidade, aos conhecimentos e à segurança.

5) As crianças entrevistadas conheciam dados lingüísticos diversos e avançados. Isto se pode afirmar porque existiam frases conjugadas no Modo Subjuntivo; uso dos Pronomes Átonos, etc., não tendo eles nenhuma dúvida em qualificá-las e oferecendo respostas similares às dos professores.

6) Os dados obtidos podem dar base para opinar que, na língua espanhola, não existe diferença tão marcante, como na língua portuguesa, entre a produção oral e a produção escrita.

Por último, é necessário informar que os entrevistados não duvidaram que as frases foram produzidas por pessoas estrangeiras. Essa conclusão nasce quando uma criança de quarto ano do Ensino Fundamental expressa: "La verdad es que yo más o menos entiendo lo que las personas quieren decir, pero reconozco que no siguen las reglas de mi idioma".

Descrevendo a avaliação feita pelos nativos, pode-se observar que o uso de átonos é *signo* e não *sinal* ou *marcadores de gênero de discurso*, como se pode categorizar no português brasileiro.

Conclusão

As frases, colocadas para analise dos nativos e que foram produzidas pelos estagiários brasileiros, de Cursos de Licenciaturas em Letras Português / Espanhol de três universidades do sul do Brasil, poder-se-ia avaliar como fora de contexto, soltas, mas, se são observadas mais detidamente, se poderá ver que cada uma seria de fácil aplicação em circunstancias isoladas de avisos ou pedidos, por exemplo, a número três da produção escrita: "Hagan una frase con la gravura que voy a mostrar a ustedes.", e a segunda da produção oral: "Yo deseo que ustedes empiecen la lectura después que yo haga.". Ambas tiveram uma alta porcentagem de rejeição do nativo, talvez porque não as entenda como sendo produção que ele mesmo ou qualquer conterrâneo faria ou porque falta informação.

Por essa constatação, pode-se concluir que os átonos, mesmo sendo explicada a sua colocação, como *objeto direto* ou *indireto*, pela gramática estruturalista ou normativa, quando analisados no plano do *signo* e do *sinal*, conceituados por Bakhtin, pode-se observar que nos idiomas implicados, no português é considerado *sinal* e no espanhol é *signo*, à luz do gênero do discurso.

A consideração, da mesma categoria lingüística, de *sinal* e *signo* por cada um dos dois idiomas, deve-se ter presente no momento de ministrar aulas nos cursos de Licenciaturas de ELE para brasileiros, e assim, oferecer a oportunidades que futuros professores tragam para o plano da consciência, no momento de aprenderem o uso dos átonos, a necessidade de modificar a categorização que eles tem na sua LM, porque o nativo hispânico usará essa apreciação no momento de compreender a produção em língua espanhola do brasileiro.

Também haverá de ter o mesmo cuidado no momento de elaborar o livro didático, levando a diferença em conta, no momento de apresentar a explicação dos átonos e utilizá-los nos exercícios, e assim, dar suficiente ajuda a esse aluno que um dia será professor, tornando-se multiplicador, pelo seu *input*, da língua espanhola nas suas aulas, podendo propiciar a oportunidade de produções elaboradas, pelos seus alunos, apoiadas nos parâmetros lingüísticos da LM, ou seja, do português brasileiro, correndo o risco de corte de comunicação com o nativo hispânico, no momento de usar as produções com estruturas apoiadas nos parâmetros da língua brasileira.

Referências bibliográficas

ALFONSO, S. G.; FALBO S. M. *Yo hablo Castellano.¿Y vos?* Buenos Aires: A-Z Editora
S.A., 1996.

ARAGÓ, Manuel Rafael. *Diccionario de dudas y problemas del idioma español*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.

BAGNO, Marcos (2004): *Português ou Brasileiro?*: um convite à pesquisa. 4ª ed,, São Paulo, Parábola Editorial.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso* (1952-1953). In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOHN, H. & VANDRESEN, P. (org) *Tópicos de lingüística Aplicada*. Florianópolis: UFSC, 1988.

BRITO, Paulino de. *Colocação dos pronomes*. Paris: Aillaud, 1907.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1977.

CASTILHO, Ataliba de; BASÍLIO, Margarida (org) *Gramática do português falado*. Vol. IV. Estudos descritivos. Campinas: Edunicamp/FAPESP, 1996.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima gramática de língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

CONTRERAS, Matilde. *Las trampas que puede ofrecer la proximidad de los idiomas*. Dissertação de Mestrado, UCPel, 1988.

_____. Interferência da língua materna na escrita da língua estrangeira no curso de graduação em letras – português/espanhol. *Pelotas, inédito, 2001*.

CORRIPIO, Fernando. *Diccionario de dudas e incorrecciones del idioma***.** Santafé de Bogotá, D.C. : Printer Colombiana, 1993.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1971.

CUTROPIA, Alicia Romero de. *Palabras bajo la lupa - Mejoramiento de la calidad de la Educación en Lengua*. EGB. Ley Federal de Educación Dirección General de Escuelas. Gobierno de Mendoza. Argentina, 1997.

DE NICOLA, José e INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa.* São Paulo: Ed. Scipione, 1993.

DI LULLO ARIAS, Sandra. *Guía do Espanhol para quem só fala Portunhol*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DUARTE, Eugênia Lamoglia. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1986.

ELIZAINCIN, Adolfo. *Dialectos en contacto - Español y Portugués en España y América*. Montevideo: Arca S. R. L., 1992.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo*: as idéias lingüística do círculo de Bakhtin. Paraná : Criar Edições, 2003.

FARACO, Carlos & MOURA, Francisco. *Gramática*. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1987.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de Errores - en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.

FERREIRA, Itacira. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In: Almeida Filho, J. C.P. de (org) *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995, 39-48.

FIGUEIREDO, Cândido de. *O problema da colocação de pronomes*. Lisboa: Livraria Clássica, 1944.

FURASTÉ, P. A. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico. Explicação das Normas da ABNT*. 12. ed. Porto Alegre: s.n., 2003.

GARCÍA-PELAYO, Ramón. *Conjugación*. Buenos Aires: Verlap S.A., 1993.

GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Indugraf 1994.

KATO, Mary A. Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre Línguas. In: Bohn-Vandresen (org) *Tópicos de lingüística aplicada - O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, 139-153.

KUNH, Tomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução: B. Vianna Boeira e N. Boeira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

LADO, Roberto. *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis: Vozes Limitada, 1971.

_____. *Language Teaching – A Scientific Approach*. Naw York: McGraw-Hiel, Inc. 1964.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do Ensino de Línguas. In: Bohn-Vandresen (org) *Tópicos de lingüística aplicada - O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, 211-336.

LEWANDOWSKI, Theodor. *Diccionario de lingüística*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A, 1992.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la lengua española - Real Academia Española Colección Nebrija y Bello*. Madrid: Editorial Espasa Calpe,1995.
LUFT, Pedro Celso. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1986.

MARQUES, Lise R.; VANDRESEN, Paulino; BRISOLARA, Luciene B. *Uso de clíticos nas cidades de Pelotas e Chuí*. Pelotas, inédito, 2003.

MILANI, Esther Maria. *Gramática de Espanhol para brasileiros*. 2 ed. São Paulo : Editora Saraiva, 2000

MORENO AGUILAR, Arcadio. *Entienda la gramática moderna*. México D.F.: Larousse, 1985.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1994.

PAIVA, V.L.M.O. Modelo fractal de aquisição de línguas In: BRUNO, F.C. (Org.) *Reflexão e Prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005. p. 23-36

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2003.
ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SCHMITZ, John Robert. Análise Contrastiva. In: Bohn-Vandresen (org) *Tópicos de lingüística aplicada - O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, 95-116.

SECO, Manuel. *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1986.

TASCA, Maria**.** *Línguas em contato - interferência na aprendizagem da escrita*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Porto Alegre: PUC, 1977.

VAN DE WIEL, Franciscus W.A.M. Os Pretéritos Perfeito e Imperfeito no uso não nativo do Português. In: Almeida Filho, J. C. P. de (org) *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995, 59-64.

VANDRESEN, Paulino. Lingüística Contrastiva e Ensino de Línguas Estrangeiras. In: Bohn-Vandresen (org) *Tópicos de lingüística aplicada - O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988, 75-94.

VILSA, C. *Tic-Tac: é tempo de Aprender*. v. 2. 1 ed. / 5ª impressão. São Paulo: Editora do Brasil, 2003.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Colocação pronominal nas variedades Européia, Brasileira e Moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português***.** Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de doutorado inédita, 2002.